

O Trabalho enquanto duas vigências no cenário social: propor o seu fim ou a centralização de suas relações?

Mariane Montibeller Silva - Bolsista PIBIC/CNPq, IFCH-Unicamp
Prof. Dr. Jesus José Ranieri - Orientador / Departamento de Sociologia, IFCH-Unicamp
mamontibeller@hotmail.com

Palavras-chave: Trabalho, Centralização, Relações

Introdução

Desde a década de 1980 autores de diversas correntes dedicam suas teorias ao complexo caminho percorrido pelo trabalho nas sociedades em níveis mundiais. Quanto às análises decorrentes desses estudos, destacam-se **duas linhas de pensamento principais**: uma que defende a **centralidade do trabalho** enquanto categoria fundamental na constituição do homem e de suas relações; e outra, que segue a teoria de que **o fim do trabalho** está tomando conta da sociedade capitalista, após as suas muitas transformações.

Enquanto modificações efetivas, temos as decorrentes na década de 1990, em âmbito mundial, que marcaram as relações e as condições trabalhistas com o início da chamada **flexibilização**. Deve-se pontuar também, que, estar inserido em uma condição de trabalho, garante ao cidadão, direitos cívicos e políticos, tanto pelas conquistas de direitos específicos dentro desse contexto, quanto pelos avanços coletivos, econômicos e sociais. Partindo desse ponto de análise, no qual o trabalhador se encontra fora dessa esfera, perde-se, igualmente, toda a proteção social que lhe era conferida, incluindo-o em uma lógica de exclusão e falta de expectativa.

Em linhas gerais, a crise do trabalho deve ser observada enquanto um fenômeno social surgindo no universo social e não como um fato isolado, mas denotando resposta às determinações concretas da mundialização do capital. Portanto, os debates políticos e científicos se coadunam a fim de compreender e interpretar os problemas atuais, e, por vezes, fomentar programas de ruptura com o modelo social vigente.

Metodologia

Ao considerar o panorama mundial, no qual o trabalho se coloca em todas as esferas sociais enquanto fundante e necessário nas relações entre os homens, e tendo em vista seu papel transformador, propõe-se observar, de maneira mais efetiva e aprofundada, esse fato que se estabelece, ainda, sob o domínio do capital.

Através da identificação de bibliografias sobre o tema, suas leituras e análises comparativas, buscou-se, nesse momento, compreender as distintas modalidades assumidas pelo trabalho, marcadas pela flexibilidade e precarização, inseridas no conjunto complexo de mudanças sociais mundiais a partir da acumulação flexível e do neoliberalismo vigentes.

Entendendo, ainda, que trabalhador algum está imune ao desemprego e à precarização do trabalho, evidencia-se que a crise no mundo do trabalho não é enfrentada a partir da relação capital-trabalho, mas através de propostas paliativas de programas que reforcem a seletividade.

“... condição fundamental de toda a vida humana; e o é num grau tão elevado que, num certo sentido, pode-se dizer: o trabalho, por si mesmo, criou o homem.”
(Engels)

“... o papel dos dois grupos tradicionais da era industrial – operários e investidores – começa a diminuir em importância. [...] Agora, a influência dos trabalhadores diminuiu significativamente e os trabalhadores do conhecimento tonaram-se o grupo mais importante na equação econômica.” (Rifkin)

Conclusões

Através do monopólio tecnológico evidencia-se a diminuição do valor da força de trabalho com o aumento da produtividade, aumentando, conseqüentemente, os lucros do produtor, e, em contrapartida, ainda presencia-se um aumento na jornada de trabalho.

Diferentemente do que se coloca para a classe capitalista, que se beneficia com efeitos bastante positivos, as repercussões dessa introdução para a classe trabalhadora assumem outro caráter: passam a introduzir a mão-de-obra infantil e feminina, a conviver com o aumento da jornada, seguido da intensificação do trabalho.

Ainda que o progresso tecnológico tenha alcançado níveis suficientes para poupar o trabalho e diminuir a jornada, não é isso o que acontece. Se assim fosse os dados de produtividade deveriam ser menores, devido à diminuição do número de trabalhadores. Essa muita exploração do trabalho, flexibilização de suas relações, entre todas as outras variantes existentes, importam para reforçar a importância dessa atividade ainda hoje no processo de criação de riqueza capitalista.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- CASTEL, Robert. As Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- _____. As transformações da questão social. In: BÓGUS, L.; yazbek, M.C. e BELFIORE-WANDERLEY, M. (orgs.). Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC, 1997.
- GORZ, Andre. Adeus ao proletariado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política, vol. I, tomo I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RIFKIN, Jeremy. O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books, 1995.
- TONI, Miriam de. Visões sobre o trabalho em transformação. Porto Alegre, n. 09, jan./jun. 2003. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100009>. Acesso em 16/out/2009.



UNICAMP

